

Artigo recebido em:
22.10.2017

Aprovado em:
13.10.2018

O jornalismo sob o prisma de gênero: discurso e produção de sentidos na relação texto-leitor

**Pâmela Caroline
Stocker**

Pâmela Caroline Stocker

Jornalista, mestra
e doutora em
Comunicação e
Informação pela
Universidade Federal
do Rio Grande do Sul
(UFRGS). Estuda os
atravessamentos de
gênero e a produção de
sentidos que decorre
da relação textoleitor
no jornalismo.
Atua no Aquenda –
núcleo de estudos em
Comunicação, gênero e
interseccionalidades.

E-mail: pamelastocker@
gmail.com

Resumo

Concebendo gênero como uma categoria analítica, epistemológica e perpassada pelo conceito de poder (SCOTT, 1995; BONETTI, 2011) e o jornalismo e sua relação com os leitores *locus* privilegiado de produção e circulação de valores culturais em nossa sociedade, este estudo ampara-se nos estudos feministas pós-estruturalistas e no aporte teórico-metodológico da Análise de Discurso (AD) para analisar os sentidos produzidos pelos leitores em 927 comentários no *Facebook* oriundos de duas reportagens jornalísticas que tratam sobre identidade de gênero e transexualidade. Observando essa relação entre texto e leitor sob o prisma de gênero, percebeu-se que os sentidos ligados à empatia surgiram apenas a partir da reportagem construída com viés mais próximo ao que denominamos como valores do feminino. Ao abrir espaço para a subjetividade e para a emoção, o texto produziu sentidos relacionados à empatia em mais de 44% do público, abrindo brechas de encontro com o Outro.

Palavras-chave: Gênero. Jornalismo. Leitores. Transexualidade.

Journalism through the prism of gender: discourse and production of meanings in the text to reader relation

Abstract

Understanding gender as an analytical, epistemological category pervaded by the concept of power (SCOTT, 1995; BONETTI, 2009) and journalism, as well as its relationship with readers, as a privileged locus of production and circulation of cultural values in our society, this research is based on post-structuralist feminist studies and on the theoretical-methodological contribution of Discourse Analysis (AD), examining two journalistic reports that deal with gender identity and the meanings produced by readers in 927 Facebook comments. Looking journalism from a gender perspective, we noticed that the report that was constructed with a feminine bias, opening space for subjectivity and emotion, produced, in more than 44% of the public, meanings related to empathy, opening breaches of encounter with the Other.

Keywords: Gender. Journalism. Readers. Feminism.

As questões ligadas à identidade de gênero e sexualidade envolvem valores, crenças e hábitos naturalizados e construídos culturalmente e, por isso, ainda se inserem no campo dos dissensos sociais. Como instituição social e produtor de relatos do tempo presente, o jornalismo procura acompanhar as transformações da sociedade e os debates públicos que se estabelecem sobre estas temáticas, entendidas como controversas (FRANCISCATO, 2005).

As brechas abertas em diferentes espaços jornalísticos, que passam a introduzir em suas pautas novos “mapas de significado” (HALL *et al.*, 1999) ligados à discussão sobre gênero, provocam forte interação dos leitores, que comentam, compartilham e discutem as reportagens com suas redes no *Facebook*. Na perspectiva discursiva, é nesse processo intersubjetivo e dialógico de interação entre o texto da notícia e os leitores que o discurso jornalístico é produzido. Refletir sobre o caráter dialógico deste discurso pressupõe acolher as suas narrativas como lugar de produção de conhecimento (MEDITSCH, 1992).

Atenta a esses preceitos e com foco em notícias e reportagens que abriam essa brecha em diferentes espaços jornalísticos da mídia hegemônica brasileira, passei¹ a analisar os comentários de leitores² e os sentidos produzidos a respeito destas temáticas ainda pouco tangenciadas pelo jornalismo junto ao grande público. Apliquei inicialmente uma mirada epistemológica de gênero para as vozes convocadas para construir a reportagem e para as estratégias utilizadas para “traduzir” para os leitores esses novos mapas. A partir disso, procurei elencar e analisar os sentidos produzidos pelos leitores nessa relação.

Concebendo gênero como uma categoria analítica, epistemológica e perpassada pelo conceito de poder (SCOTT, 1995; BONETTI, 2011) e o jornalismo e sua relação com os leitores *locus* privilegiado de produção e circulação de valores culturais em nossa sociedade, este estudo ampara-se nos estudos feministas pós-estruturalistas para analisar os sentidos produzidos por duas reportagens jornalísticas que tratam sobre identidade de gênero e transexualidade. Com o aporte teórico-metodológico da Análise de Discurso (AD) neste artigo procuro observar as reportagens “Gênero: tudo o que você sabe está errado”, publicada na revista *Galileu* em outubro de 2015; e o primeiro episódio da série “Quem sou eu?” veiculado pelo programa televisivo *Fantástico* em março de 2017³. O objetivo do artigo é analisar os sentidos produzidos em 927 comentários de leitores publicados nas *fanpages* da *Galileu* e do *Fantástico* no *Facebook*, observando em que medida os diferentes modos de enunciação das reportagens afetam os sentidos produzidos pelo público.

Análise de discurso e a relação texto-leitor na interpretação das notícias

A Análise de Discurso, como perspectiva teórico-metodológica, atua como organizadora de gestos de interpretação que relacionam sujeito e sentido, visando compreender os sentidos produzidos por um objeto simbólico (ORLANDI, 2000). As notícias constituem-se de traços históricos e sociais que fazem parte de seu processo de significação e o sujeito-leitor também é condicionado por sua historicidade e subjetividade. Daí a importância de compreender como se articulam os sentidos construídos no texto e a exterioridade desses condicionamentos (BENETTI, 2016).

A análise dos comentários dos leitores será realizada com base nos pressupostos da Análise de Discurso de linha francesa (AD). Ao contrário de outras metodologias, a AD não considera a linguagem transparente e não procura um sentido “escondido” dentro do texto. Segundo Eni Orlandi (2000, p. 15), a questão

¹Escrevo o presente artigo em primeira pessoa, em consonância com os preceitos da objetividade feminista (HARAWAY, 1995) e buscando questionar os pressupostos da imparcialidade e neutralidade do conhecimento, assumindo meu compromisso com a mudança social de forma localizada. Tal como nos ensina Sandra Harding (1986), concebo o conhecimento como sendo sempre situado e, como mostrará este artigo, reitero assim a necessidade de resgatar o papel da emoção e da experiência tanto na ciência quanto no jornalismo.

²Os termos “leitor” e “texto” não se referem apenas ao jornalismo impresso, sendo pertinentes em AD para tratar de qualquer tipo de discurso. Pode-se dizer, nesse prisma, que o telespectador de um programa televisivo, por exemplo, realiza um processo de leitura quando assiste uma reportagem.

³Ambas as reportagens constituem o corpus da tese de doutorado intitulada “Jornalismo e gênero: produção e disputa de sentidos no discurso dos leitores”, de minha autoria e defendida em março de 2018. Sublinho que o corpus total da tese é constituído por sete reportagens e, devido às limitações do artigo, opto por trazer apenas duas delas para este texto.

central é “como” o texto significa: “na análise de discurso procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história”.

A etapa inicial da análise dos comentários consistiu em mapear os sentidos nucleares no movimento de identificação das formações discursivas, ou seja, a região de sentidos que é circunscrita por um limite interpretativo. A partir disso, observaram-se os processos parafrásticos que, segundo Orlandi, “são aqueles pelos quais em todo dizer há sempre algo que se mantém, isto é, o dizível, a memória” (ORLANDI, 2000, p. 36). Todo discurso se constrói na tensão entre o retorno ao mesmo e a busca do diferente e estes dois aspectos serão observados nas análises que serão feitas neste estudo.

O masculino no jornalismo e na ciência

Observar as relações que o jornalismo estabelece com os seus leitores e a produção de sentidos que daí decorre sob o prisma de gênero através da crítica feminista à ciência, significa perceber que, nessa conformação, “gênero” estrutura-se como categoria de pensamento e, por isso, também de construção de conhecimento (FLAX, 1990).

Ao longo de sua história, o jornalismo tem se pautado por princípios epistemológicos e regras metódicas para validar-se como credível junto à sociedade. Em consonância com o cientificismo, valeu-se – e vale-se, ainda hoje – de alguns métodos e modos de captar a realidade ou aquilo que se convencionou como “verdade objetiva” (VEIGA DA SILVA, 2015). Essa busca pela objetividade e neutralidade, fundamentos do que se convencionou como bom jornalismo, não raro afastam as produções jornalísticas da subjetividade e as posicionam dentro de um sistema binário e impregnado pelo pensamento dominante.

Segundo Veiga da Silva (2015), na produção de saberes que devem ser entendidos como verdade, tanto na ciência quanto no jornalismo, opera ainda um paradigma colonial e positivista, de um sistema-mundo masculinista, racista, capitalista e heterossexista. Joan Scott (1995) já havia sugerido que as categorias de gênero apareciam como instrumentos de representação do poder nas construções científicas e Sardenberg (2002) vai destacar que o ponto chave é justamente as dicotomias se construírem com base nas diferenças percebidas entre os sexos e nas desigualdades de gênero:

Assim, os conceitos de sujeito, mente, razão, objetividade, transcendência, cultura, dentre outros, que estruturam os princípios da Ciência Moderna, foram identificados com o “masculino”, ao passo que os demais termos das dicotomias – objeto, corpo, emoção, subjetividade, imanência, natureza, etc., sobre os quais os primeiros se impõem hierarquicamente – fazem parte do que historicamente se constituiu como “feminino” (LLOYD, 1996 *apud* SARDENBERG, 2002, p. 96).

Fazendo uma analogia de gênero, é possível perceber que atributos convencionados como masculinos se aproximam mais do poder e do prestígio do que aqueles convencionados como femininos. A crítica feminista à Ciência evidencia assim as relações de poder constitutivas da produção de saberes, denunciando o quanto os padrões de normatividade científica são impregnados por valores masculinos. O pensamento feminista propõe a construção de novos significados na interpretação do mundo, considerando a subjetividade como forma de conhecimento e o envolvimento do sujeito com o seu objeto como parte de um processo construído por indivíduos em interação e diálogo crítico, abandonando a pretensão de uma verdade única e absoluta (RAGO, 1998).

Nessa conformação, a abertura para a subjetividade – que comumente é interdita e inferiorizada frente aos fundamentos da objetividade jornalística (VEIGA DA SILVA, 2015) – e o descerramento do jornalismo hegemônico para abordagens, fontes e narrativas que se aproximam daquilo que é convencionalizado como feminino, pode indicar a resistência e a subversão a uma lógica positivista-masculinista dominante. Mais do que isto, como indicam as análises a seguir, o jornalismo com um viés mais aberto à alteridade provoca uma mudança nos sentidos produzidos pelos leitores.

O gênero entra em pauta

Passei a coletar, a partir de 2015, reportagens e notícias sobre o tema “gênero”, dando especial atenção aos produtos jornalísticos que traziam novos mapas de significado sobre o assunto publicados em veículos de mídia hegemônicos. Em plena efervescência da chamada “primavera feminista” e com a eclosão de uma série de discussões em torno da temática, diversos jornais, revistas e programas televisivos começaram a abrir espaço para pautas até então tangenciadas pelo jornalismo. Dou prioridade à coleta de materiais que tenham despertado a interação e engajamento dos leitores, seja nas páginas dos próprios veículos, seja no compartilhamento que realizam em suas *fanpages* no *Facebook*. Escolho neste artigo duas destas reportagens para realizar uma análise mais atenta: a primeira delas, publicada na revista *Galileu*, da Editora Globo, em outubro de 2015, intitula-se “Gênero, tudo o que você sabe está errado”; a segunda trata-se do primeiro episódio da série “Quem sou eu?”, veiculada pelo programa televisivo *Fantástico*, da Rede Globo, em março de 2016⁴.

A reportagem de capa da revista *Galileu* gerou grande interação com os leitores na *fanpage* da revista no *Facebook*, somando 19 mil curtidas, 1,8 mil comentários e 5.563 compartilhamentos⁵, contendo elogios e críticas em relação à escolha e abordagem do tema. O primeiro episódio da série “Quem sou eu?” veiculada pelo *Fantástico*, por sua vez, gerou 5,3 mil reações, 849 comentários e 1.950 compartilhamentos. Após a coleta inicial, realizada com a ajuda de um *software*, uma primeira triagem do material excluiu da amostra total de comentários aqueles em que constavam apenas marcações de pessoas, *emoticons* ou *links* para vídeos ou imagens. Posteriormente, para realizar a análise dos sentidos, uma segunda triagem foi feita, priorizando os comentários que continham argumentos ou teciam considerações sobre a temática das reportagens e sua abordagem. Foram excluídos os comentários superficiais de apoio ou contrariedade (apenas uma expressão elogiosa ou contrária, como “amei!” ou “lixo”, por exemplo). Essa triagem final resultou no *corpus* consolidado de 927 comentários, sendo 236 relativos à reportagem da revista *Galileu* e 691 relativos à reportagem do *Fantástico*.

“Tudo que você sabe sobre gênero está errado”

A Revista *Galileu*, da editora Globo, veiculou em sua *fanpage* do *Facebook* a chamada para a edição especial sobre identidade de gênero. A reportagem foi disponibilizada online na íntegra no site da revista. No *Facebook*, a capa da nova edição de novembro foi divulgada acompanhada do seguinte texto:

Para estampar a capa desta edição tão emblemática, abordamos um assunto que ainda é tabu na sociedade brasileira - a identidade de gênero. Por que tanto preconceito e desinformação continuam rondando o tema? Isso e muito mais você encontra na

⁴A escolha por não limitar apenas um *lôcus* de investigação busca suspender as formas mais imediatas de continuidade (que seriam analisar apenas um veículo, a mesma notícia em diferentes veículos ou período temporal mais restrito). O material reunido configura uma “população de acontecimentos discursivos”, que será horizonte para a busca de unidades. Em relação à diversidade de meios e materiais diversos – revistas, jornais, programas televisivos – Rosa Fischer (1996) entende que essa plena e permanente circularidade dos textos em nossa época deve ser captada e analisada pelo pesquisador, visto que o entrelaçamento das mídias é difícil de delimitar.

⁵Dados relativos ao dia da realização da coleta dos comentários, uma semana após a data da publicação.

#novaGALILEU. Daqui para a frente, nossa missão é usar a ciência para explicar o mundo e, acima de tudo, para te ajudar a mudá-lo. Nos vemos nas bancas?)

A matéria, assinada por Gabriela Loureiro e Helena Vieira, traz como personagens Valentim (nome fictício) de 16 anos, que se identifica como não binário e bissexual; Liége Martins, transexual de 19 anos que mora em uma favela no Rio; Bernardo Mota, ativista trans bissexual e membro do Instituto Brasileiro de Transmasculinidades (Ibrat); além de citar os conhecidos casos de Bruce Jenner, atleta que se assumiu trans na edição de julho 2015 da revista Vanity Fair e Alex, menino de oito anos da periferia do Rio de Janeiro que foi morto pelo pai porque gostava de dança do ventre e de lavar a louça. A reportagem é ilustrada com fotografias que retratam partes fragmentadas de corpos sem rosto e sem identidade. Não há fotos e nem referências imagéticas aos personagens citados ao longo do texto.

A reportagem é construída ainda com base em dados estatísticos de pesquisa do instituto norte-americano YouGov, do relatório do Grupo Gay da Bahia (GGB) e da Associação Nacional das Travestis (Antra). Há referências teóricas aos estudos feministas e pós-estruturalistas dos anos 1960, à autora Judith Butler, “uma das mais respeitadas filósofas de gênero da atualidade” (LOUREIRO; VIEIRA, 2015), segundo a reportagem, ao filósofo Michel Foucault, à professora da Universidade de Lille II, referenciada como “uma das principais teóricas queer da França” (LOUREIRO; VIEIRA, 2015), Marie-Hélène Bourcier, ao biólogo escocês Patrick Geddes e ao sexólogo norte-americano Thomas Laqueur. O texto conta ainda com depoimentos de Wilker Cerqueira, cientista jurídico especializado em direitos humanos.

O tom escolhido pela revista para a sua chamada de capa opera acionando a lógica masculinista ao apresentar aos seus leitores o novo mapa de significados de maneira autoritária e impositiva. Parte dos comentários⁶ coletados na *fanpage* da *Galileu*⁷ questiona a chamada da revista, classificando o seu posicionamento como prepotente e arrogante (18 recorrências) por afirmar que “tudo que você sabe está errado”. Muitos leitores sentiram-se incomodados e ofendidos e demarcaram a sua insatisfação questionando a credibilidade da revista e deslegitimando o jornalismo:

[SD030]: **Então tudo o que eu sei está errado e tudo o que você sabe (Galileu) está correto ?? Umm ... Bom saber !!!**

[SD034]: **Legal...tudo o que sei está errado...por acaso a revista em questão sabe o q eu sei?[...] qdo uma revista “formadora” de opinião radicaliza...me questiono se vale a pena ler o q ela escreve...[...]**

[SD036]: **Entao voces me chamam de burro, NA MINHA CARA, e ainda tenho que ler o que vcs querem!”**

[SD046]: [...] **achei o subtítulo da matéria um pouco prepotente, até pq, posso estar errada, mas, acredito eu, que o público alvo da revista não seja tão ignorante nessa questão.**

[SD062]: **A questão é a frase logo abaixo “tudo que você sabe está errado”. Como se a minha opinião, os meus conceitos, as minhas idéias, os ensinamentos que eu tive precisassem ser deletados e eu precisasse “reprogramar” meu cérebro pra uma idéia que surgiu ontem e quer se impor à qualquer custo. Tá bom, Galileu...**

Ao invés de complexificar o tema e buscar alternativas para aproximar os seus leitores destes novos mapas ainda impactantes para o senso comum, a revista *Galileu* escolhe “explicar o mundo” nos moldes do velho cientificismo cartesiano, rompendo com a subjetividade e apresentando uma série de verdades inquestio-

⁶Os comentários de leitores foram reproduzidos na íntegra e sem modificações, por isso contêm eventuais erros de digitação e gramaticais. As passagens em negrito foram destacadas pela autora.

⁷Os comentários foram coletados da *fanpage* da revista *Galileu* no Facebook. Disponível em: <<https://www.facebook.com/revistagalileu/photos/a.102109376648/10153692891231649/?type=1&theater>>. Acesso em nov. 2015.

náveis. O espaço destinado para as fontes teóricas – em contrapartida a não humanização das personagens que ilustram o texto – acabam provocando o distanciamento de grande parte dos leitores.

Por meio da identificação dos sentidos mais prevalentes e do mapeamento das paráfrases (significados que se repetem) nos 236 comentários analisados, foram encontrados seis núcleos de sentido: razões biológicas (52 comentários), questionamento sobre o papel social do jornalismo e sobre o contrato de comunicação (48), manifestação e debate sobre preconceitos sexuais e de gênero (41), questionamento sobre a cientificidade da publicação ou da temática (37), classificação da abordagem como ideológica (31) e motivos religiosos (27).

“Quem sou eu?”

O programa televisivo *Fantástico*, da rede Globo, veiculou o primeiro episódio da série “Quem sou eu?” no dia 12 de março de 2017. Composta de quatro episódios e comandada pela jornalista Renata Ceribelli, a série tem como objetivo, segundo descrição da página do programa, contar as histórias de pessoas transgênero em diferentes fases da vida. O primeiro episódio veiculado pela *fanpage* do *Fantástico* no *Facebook* veio acompanhado do seguinte texto:

O Fantástico estreia a série Quem Sou Eu?, que conta histórias de transgêneros em diferentes fases da vida, ressaltando a diferença entre identidade de gênero e orientação sexual. Em quatro episódios, com a ajuda da fábula de “Alice no País das Maravilhas”, de Lewis Carroll, a Alice de Quem Sou Eu? vai partir em uma jornada de autoconhecimento e representa todas as pessoas que sentem que nasceram no corpo errado e estão em busca de sua identidade.

Como destaca o texto de apresentação, a reportagem que inaugura a série se inicia traçando o paralelo entre a história de Alice no país das maravilhas com a vida de pessoas trans. A voz da apresentadora Renata Ceribelli convoca explicitamente os telespectadores para se colocarem no lugar destas pessoas: “Olhe no espelho. Olhe e imagine que o que você vê não é o que você é”.

A primeira personagem a ser apresentada é Melissa de Fazzio, 11 anos, uma criança trans. Seus pais, Renato e Karina também ganham centralidade no episódio, contando sobre o processo de descoberta da identidade da filha. Outros pais de crianças transexuais que buscaram ajuda no Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas de São Paulo, primeiro centro público de atendimento para crianças transgêneros no Brasil, também dão o seu depoimento. O psiquiatra Alexandre Saadeh é fonte da reportagem para explicar a diferença entre orientação sexual e identidade de gênero e “a origem do transgênero” pelo viés da ciência. O depoimento da endocrinologista Leandra Steinmetz, do Instituto da Criança do Hospital das Clínicas, por sua vez, elucida o processo de bloqueio hormonal realizado nas crianças trans. Por fim, a reportagem vai até a escola onde Melissa estuda, mostrando como a menina assumiu a transição frente aos colegas e a professora.

A reportagem do *Fantástico* faz a escolha de não enquadrar a temática e os mapas de significado ainda novos para o grande público de maneira totalmente objetiva. A convocação dos telespectadores para o deslocamento, para colocar-se no lugar deste Outro que não se enquadra nos padrões pré-determinados de gênero, e o paralelo das histórias de pessoas reais com o mundo fantástico da literatura pode ser considerada a primeira quebra da reportagem em relação à noção hegemônica de objetividade jornalística. A abertura para a metáfora de caráter literário e sensível, utilizada tanto na narrativa da apresentadora como nas imagens da animação em *stop motion* feita especialmente para o programa⁸, faz emergir o feminino tantas vezes suprimido na hierarquia de valores do jornalismo.

⁸Na página do *Fantástico* no *G1* há um vídeo com os bastidores da animação. Disponível em: <<http://especiais.g1.globo.com/fantastico/2017/quem-sou-eu/>> Acesso em 19 de maio de 2017.

Ainda que a reportagem tenha aberto espaço para as fontes tradicionais da psiquiatria e da endocrinologia, advindas das instâncias legitimadas da medicina e da ciência e com valores de autoridade e credibilidade junto ao público, houve o equilíbrio em relação ao espaço destinado às vozes dos personagens envolvidos na temática da identidade de gênero e as suas subjetividades. A escolha por iniciar a série aproximando-se da experiência de uma criança, dando voz a ela e seus pais, lança luz à complexidade do tema e permite antever uma epistemologia mais inclinada a perceber e abarcar a diferença do que simplificar a leitura da realidade de maneira totalitária.

O mapeamento dos processos parafrásticos dos 691 comentários de leitores coletados deu origem a sete núcleos de sentido, seis deles semelhantes àqueles encontrados no levantamento realizado nos comentários referentes à reportagem da revista *Galileu*: razões biológicas (49 comentários), motivos religiosos (144), manifestação e debate sobre preconceitos sexuais e de gênero (113), questionamento sobre a cientificidade das fontes e da temática (56), classificação da abordagem como ideológica (50) e questionamento sobre o papel social do jornalismo e sobre o contrato de comunicação (102). Além deste retorno ao mesmo, o mapeamento resultou ainda em um novo núcleo de sentido que não havia sido identificado na mostra de comentários da *Galileu*: 178 leitores manifestaram-se expressando sentidos de empatia relacionados à temática e aos personagens retratados pela reportagem do *Fantástico*.

A seguir apresento brevemente e de maneira panorâmica os núcleos de sentido encontrados nos comentários de leitores, sendo as sequências discursivas dos comentários direcionados à *Galileu* numeradas como [SDG000] e ao *Fantástico* como [SDF000]. Devido aos limites de espaço deste artigo, me detenho principalmente na análise do núcleo de sentidos ligado à empatia, presente nos comentários advindos da reportagem do *Fantástico*⁹ e ausentes nos comentários sobre o texto da revista *Galileu*.

⁹Os comentários referentes à reportagem do *Fantástico* foram coletados na fanpage do programa no Facebook. Disponível em: <<https://www.facebook.com/Fantastico/posts/1265268483510929>>. Acesso em 12 abr 2017.

Razões biológicas:

Os 101 comentários reunidos neste núcleo de sentido reiteraram sentidos ligados à biologia para desqualificar a temática abordada tanto pela revista *Galileu* (52) como pela reportagem do *Fantástico* (49), trazendo à tona sentidos de naturalidade e normalidade, além de fazerem alusão aos cromossomos e à genética para interditar o discurso apresentado por ambas as reportagens. Os comentários demarcam ainda o caráter imutável do binário de sexo-gênero e da heteronormatividade. Apenas sete comentários sobre o programa do *Fantástico* posicionaram-se a favor, utilizando argumentos de ordem biológica para debater com outros leitores:

[SDG619]: [...] *aceitem a forma como vieram ao mundo e parem de festa, nasceu com pênis é homem, nasceu com vagina e mulher, simples assim!!*

[SDG621]: [...] *Querem empurrar goela abaixo essa ideologia monstruosa, essa a nojeira ae? só existe XX e XY o resto é resto e ainda assim... esse resto nasceu XX e XY*

[SDF704]: *Homem de vagina, é brincadeira, tem alguma coisa errada...*

[SDF726]: [...] *Podem até tentar apenas “maquiar” o que é por fora com as intervenções cirúrgicas e hormonais, mas como você disse **UM HOMEM NUNCA SERÁ UMA MULHER OU VICE-VERSA!***

Motivos religiosos:

Neste núcleo estão agrupados os 171 comentários que apelam para questões religiosas a fim de deslegitimar a temática abordada tanto pela revista *Galileu* (18 recorrências) como pela reportagem do *Fantástico* (82). Foram registrados também comentários que apelam a motivos ou referências religiosas para defender a temática frente a outros leitores (9 recorrências na *Galileu* e 62 no *Fantástico*). Palavras como “bíblia”, “igreja”, “inferno”, “pecado”, “crença” e “Deus” aparecem para reiterar esse sentido:

[SDG660]: *A Galileu se auto-intitulando a dona da verdade a respeito do assunto, pois saiba que eu fico com a criação de Deus: ADÃO E EVA !!!!*

[SDG669]: *ignorância, incredulidade, a voz de Deus é calada por essas idiotices. fim dos tempos. #Jesusestavoltando*

[SDF832]: *Respeitar é diferente de concordar. Não estamos falando aqui de Deus, estamos falando de direitos civis. Todos nós temos direitos iguais perante uma sociedade. [...].*

[SDF779]: *Deus não existe. Ninguém é obrigado a acreditar na sua religião. Para chamar os outros de pecadores. Isso é uma afronta a dignidade humana.*

Menções ao preconceito

Aqui foram reunidos os 154 comentários que fazem menção ao preconceito em relação a gênero ou sexualidade para criticar a abordagem dos veículos (13 recorrências na *Galileu* e 82 no *Fantástico*) e comentários de pessoas que identificaram o preconceito nos comentários de outras pessoas para reiterar a necessidade da discussão a respeito da temática e elogiar a revista (28 recorrências na *Galileu* e 31 no *Fantástico*):

[SDG178]: *Preconceito? Ir contra a realidade é loucura e vocês estão incentivando a loucura, simples assim. Quem defende a identidade de gênero quer um objetivo claro: destruir a família.*

[SDF461]: *[...] Eu estou extremamente assustada com isso. De fato, isso não é normal, não adianta empurrar.*

[SDG169]: *Bravo! Não precisou nem contar até três para os comentários preconceituosos surgirem. Ô povinho das cavernas!*

[SDF432]: *Antigamente era uma afronta um negro andar num mesmo ônibus com uma pessoa branca...Ainda bem que as coisas mudam, né nom!*

Em função do papel social do jornalismo ou da quebra do contrato

Aqui se concentram os 150 comentários de leitores que fazem menção ao papel e à função do jornalismo, tanto questionando e desdenhando as reportagens e os veículos (39 recorrências na *Galileu* e 91 no *Fantástico*) quanto elogiando, parabenizando e mencionando a missão e importância do jornalismo se envolver com a temática da identidade de gênero (9 recorrências na *Galileu* e 11 no *Fantástico*).

A maior parte dos leitores classificaram as matérias como “tendenciosas” e manipulatórias e usam termos como “lavagem cerebral” e “apelação” para defini-las. No caso da *Galileu*, comparam de forma pejorativa com outras revistas (como

Capricho, Mundo Estranho e Superinteressante) e em relação ao *Fantástico*, os telespectadores sugerem mudar de canal, desligar a TV ou demarcam que não assistem mais a emissora do programa.

[SDG055]: *já começou mal....Vou voltar para assinar a super interessante.que merda.*

[SDG040] *Revista ridícula! Pega o seu tema “gênero” [...]e manda pra pqp. NUNCA vou ler um lixo de revista como essa. Aliás, a capa também está horrenda. Serve para forrar a caixa de areia dos meus gatos.*

[SDF165]: *E vocês acreditam no fantástico? Kkkk o ingenuidade... Está levando muita grana para montar toda essa novela . Tudo invenção kkk*

[SDF157]: *Ainda bem que não assisto nada da Globo faz tempo, e cada vez mais gente faz isso. Eles caminham a passos largos para a decadência, logo logo estarão abaixo de várias outras.*

Em função da abordagem “ideológica”

Esse núcleo de sentido agrupa 81 comentários que classificam a abordagem dos veículos como “ideológica”, denotando sentido negativo à escolha da temática e associando o tema ao governo, a correntes de pensamento ou posicionamento político de esquerda e contendo expressões como “doutrinação”, “marxismo cultural”, “ideologia de gênero”, “propaganda ideológica” e menções ao comunismo e a um “modismo” social. No caso do *Fantástico*, a presença de uma criança como personagem para elucidar o assunto também é classificada como algo ideológico:

[SDG603]: *Essa besteira não existe. Doutrinação petista pura.*

[SDG582]: *Que lixo! Revista puramente ideológica e vendida às agenda marxista! Bando de pseudo-intelectuais ávidos por destruir as famílias e a sociedade!*

[SDF639]: *A esquerda aos poucos conseguiu tumultuar o nosso país.*

[SDF610]: *É criminoso o que fazem com essas crianças com um sistema psicológico tão frágil e influenciável. Diabólico, na verdade. Tudo isso faz parte da tenebrosa agenda esquerdista globalista mundial.*

Em razão do seu caráter científico

Os sentidos agrupados neste núcleo advêm de 93 comentários que se utilizam do argumento de cientificidade, tanto para questionar (28 recorrências na *Galileu* e 38 na fanpage do *Fantástico*) quanto para legitimar (9 *Galileu* e 18 *Fantástico*) o jornalismo. As manifestações contrárias contestam o caráter científico do conteúdo veiculado sobre a temática, desqualificando a ciência que estuda gênero como algo menor e sem validade; os comentários elogiosos que aludem à ciência, em sentido oposto, legitimam a discussão sobre a temática e os veículos pelo mesmo viés.

[SDG543]: *O Brasil é irrelevante no mundo e não tem um Prêmio Nobel sequer não é à toa. Olha o nível das revistas de “ciência”...*

[SDG547]: *Mas que LIXO! Uma revista que deveria ser de ciência e cultura expondo um tema que vai na contramão de todas as pesquisas e evidências científicas e que não possui status sequer de hipótese!*

[SDF573]: *cara a ciência diz que existe homem e mulher... o fantástico colocou a opinião de 1 cientista/medico na reportagem, eu posso te garantir que ele é minoria e que a maioria esmagadora dos cientistas dizem o contrario.. se é para ir pela ciência essa ideologia de gênero é uma grande furada.*

[SDF541]: *O mais incrível é que as pessoas escutam a opinião de um especialista, um cara que estudou 6 anos de medicina, fez residência, mestrado, doutorado, trabalha há anos na área, estudou centenas, talvez milhares de casos, e vem dizer que o cara está errado mas não sabe dizer porque.*

Empatia

Os sentidos agrupados neste núcleo foram encontrados apenas nos 178 comentários de leitores referentes à reportagem veiculada pelo *Fantástico*. As manifestações expressam apoio ao tema e à diversidade, falam sobre livre arbítrio e sensibilidade (pessoas que relatam ter chorado e se emocionado) com a história da menina Melissa e sua família. Leitores dizem ter compreendido melhor a temática e ter aprendido sobre o assunto após assistir a reportagem. Identificamos ainda comentários realizados por pessoas trans demarcando a sua identidade e mostrando-se emocionadas com o programa [SDF650 e SDF652]:

[SDF282]: *Uma reportagem maravilhosa, chorei ao ver a pequena Melissa falar abertamente e com tanta naturalidade uma coisa que muitos adultos ainda não conseguem entender.*

[SDF357]: *Incrível! Vi ontem. Eu não entendia muito bem do assunto, mas passei a enxergar de uma outra maneira!*

[SDF393]: *Um quadro realmente fantástico! Vou aprender muito. Quanto mais informação, melhor. É inegável que isso é realidade e que acontece. Espero que os fatos comecem a mudar, para melhor, com a divulgação, a clareza e as informações transmitidas. Parabéns pela iniciativa.*

[SDF409]: *Eu amei. Me emocionei... Sou mãe e imagino como foi para uma família lhe dar com a situação. História linda da Melissa, menina linda! Deus abençoe essas famílias. Foi muito emocionante!*

[SDF650]: *Nossa, um filme passou na cabeça! Só eu sei quantas lágrimas eu derramei até entender o que eu realmente era e conseguir me assumir dentro de casa e para o mundo... [...] só quem viveu presa durante anos em um corpo que não era seu sabe o que eu estou falando.... Parabéns Fantástico por mostrar ao Brasil em rede nacional essa matéria!*

[SDF652]: *Conheço tantas pessoas que desistiram da vida pq não conseguiam viver com seus traços biológicos, e desistiram não pq eram fracas, mas pq viver lutando contra si mesmas. Converse com um transexual, pergunte como nos sentimos o nosso mundo. Como é o nosso dia a dia, nos temos sonhos também [...]*

Considerações finais

Os comentários de leitores da revista *Galileu* contrários à abordagem da revista ou aos novos mapas apresentados pela reportagem somaram mais de 76% da amostra analisada (181 comentários) relativa à revista. Muitas das manifestações de leitores se referiram diretamente à abordagem adotada no título da reportagem, mostrando insatisfação de forma bastante enfática com o posicionamento classi-

ficado como “arrogante” e “prepotente” da revista. Os comentários que se posicionaram de forma positiva o fizeram, em grande parte, respondendo e revidando comentários agressivos de outros leitores.

No caso da reportagem veiculada pelo *Fantástico*, pouco mais da metade das manifestações dos leitores (55%, ou 384 comentários) também se mostrou resistente à temática, reiterando sentidos ligados à religiosidade, à biologia, à ciência ou ainda, esboçando preconceitos em relação a esses novos mapas de significado. Porém, os modos de enunciação adotados trouxeram à tona sentidos ligados à empatia em mais de 44% da amostra analisada (307 comentários), com depoimentos de leitores que garantem ter mudado de opinião e passado a ver a temática de outra forma após a abordagem do programa.

Ainda que a maior parte dos sentidos mapeados mostre resistência em relação aos novos mapas de significado apresentados pelo jornalismo, nota-se o papel determinante que este desempenha na construção e ampliação da cidadania e a responsabilidade social que se concretiza com a incorporação da alteridade como referente. Como sublinha Claudia Lago, a pluralidade e a responsabilidade social do jornalismo implicam contemplar e incorporar o Outro, para que não se transforme em “inimigo” pela incapacidade de apreensão em sua “radical alteridade” (LAGO, 2010, p. 167). Este estudo explicita o quanto uma abordagem que amplia os modos de escuta e as lentes para observar a realidade do “outro”, abrindo brechas para as subjetividades, pode produzir sentidos que potencializam o exercício de alteridade nos leitores.

Cabe retomar Batson (2009) quando cita o filósofo David Hume e sugere que o processo empático é a base para toda percepção e interação social, sendo elemento-chave da nossa natureza social. Colocar-se no lugar do outro e todas as decorências que isso pode desencadear são de enorme importância para a nossa vida em sociedade. Ainda que autores como Bubandt e Villerslev (2015) afirmem que a empatia não é necessariamente uma resposta solidária, que não está associada ao desejo moral de entender e ajudar o outro, os comentários analisados indicam, como já visto, um deslocamento importante realizado pelos leitores em direção à compreensão dos novos mapas de significado apresentados pelo jornalismo. Além disso, a empatia que as personagens e histórias apresentadas nas reportagens despertaram foram importantes também no sentido de legitimar os veículos. Muitos leitores demonstraram gratidão às pautas e aos jornalistas que tentaram “abrir a cabeça dos ignorantes”, ensinaram que “o respeito deve prevalecer acima de tudo”, se atreveram a “discutir um tema tão urgente em nosso país” e levaram informação “para milhões de brasileiras e brasileiros preconceituosos”, como esboçaram alguns comentários da amostra.

A troca entre jornalismo e leitor e entre leitores com outros leitores no ambiente virtual abre espaço para embates e possibilita o intercâmbio de percepções e visões de mundo. Por meio dessa troca, sujeitos se constroem e reconstroem, fazendo transparecer alguns dispositivos que atuam na produção das diferenças. Nesse ambiente de troca proporcionado pelo jornalismo em relação com os seus leitores, abre-se a possibilidade para que o encontro com o outro aconteça, por meio da emoção e das reações de empatia e compaixão. Atento a esse ambiente e aos sentidos aí produzidos e em disputa, me parece que o jornalismo encontra espaço para redimensionar seu potencial transformador na sociedade em nosso tempo.

REFERÊNCIAS

- BATSON, C. Daniel. These things called empathy: eight related but distinct phenomena. In: DECETY, Jean; ICKES, William Ickes (org.). **The social neuroscience of empathy**. Cambridge: MIT Press, 2009.
- BENETTI, Marcia. Análise de Discurso como método de pesquisa em comunicação. In MOURA, Cláudia Peixoto de; LOPES, Maria Immaculata Vassallo de. (Orgs). **Pesquisa em Comunicação Metodologias e Práticas Acadêmicas** (p. 235-256). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016.
- BONETTI, Alinne. Antropologia feminista: o que é esta antropologia adjetivada? In: BONETTI, Alinne; SOUZA, Ângela Maria Freire de Lima (Org). **Gênero, mulheres e feminismos** (p. 53-67). Salvador/BA: EDUFBA: NEIM, 2011.
- FLAX, Jane. **Thinking fragments. Psychoanalysis, feminism, and postmodernism in the contemporary West**. Berkeley: University of California Press, 1990.
- BUBANDT, Nils; VILLERSLEV, Lane. The dark side of empathy: mimesis, deception, and the magic of alterity. **Comparative Studies in Society and History**, n. 57, 2015.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Adolescência em discurso: mídia e produção de subjetividade**. Tese (Doutorado em Educação). Porto Alegre: UFRGS, 1996.
- FRANCISCATO, Carlos Eduardo. **A fabricação do presente: como o jornalismo reformulou a experiência do tempo nas sociedades ocidentais**. São Cristóvão: Editora UFS, 2005.
- HALL, Stuart et al. A produção social das notícias: o “mugging” nos media. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo: questões, teorias e estórias**. 2.ed. Lisboa: Veja, 1999.
- HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. [p. 07-41.] **Cadernos Pagu** 5, vol.5. Campinas: Ed. Unicamp, 1995.
- HARDING, Sandra. **Perspectives on Gender and Science**. Londres: Taylor & Francis, Inc., 1986.
- LAGO, Cláudia. Ensinaamentos antropológicos: a possibilidade de apreensão do Outro no Jornalismo. **Brazilian Journalism Research**, v. 6, n. 1, p. 156–170, 2010.
- LOUREIRO, Gabriela; VIEIRA, Helena. Tudo o que você sabe sobre gênero está errado. **Revista Galileu online**, outubro de 2015. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Revista/noticia/2016/05/tudo-o-que-voce-sabe-sobre-genero-esta-errado.html>. Acesso em dez. 2018.
- ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2000.

MARIANI, Bethania. Sobre um percurso de análise do discurso jornalístico: a Revolução de 30. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (Org.). **Os múltiplos territórios da Análise do Discurso**. Porto Alegre: Sagra-Luzzatto, 1999.

MEDITSCH, Eduardo. **O conhecimento do jornalismo**. Florianópolis: UFSC, 1992.

RAGO, Margareth. Epistemologia Feminista: Gênero e História. In PEDRO, J.M & SCHIEBINGER. **“Feminismo Mudou a Ciência?”**. Bauru,SP: EDUSC, 1998.

SARDENBERG, Cecília Maria Bacellar. Da crítica feminista à ciência a uma ciência feminista? In: COSTA, Ana Alice Alcântara, SARDENBERG, Cecília Maria Bacellar (Org) **Feminismo, ciência e tecnologia**. Salvador: REDOR/NEIM-FFCH/UFBA, 2002.

SCOTT, Joan. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, v. 20, n. 2, 1995. p. 71-99.

VEIGA DA SILVA, Marcia. **Saberes para a profissão, sujeitos possíveis: um olhar sobre a formação universitária dos jornalistas e as implicações dos regimes de poder-saber nas possibilidades de encontro com a alteridade**. Tese de Doutorado. Curso de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Porto Alegre, UFRGS, 2015.